

# O MONSTRO

## DO JARDIM DOS ANJOS

SALETTE TAVARES

Passo e repasso uma ironia feroz  
um quarto de espaço  
debaixo do braço,  
passo e repasso voraz  
o prazer da vingança  
num crâneo mordaz  
debaixo do braço!  
O teu olho é azul  
aquele olho teu que relanceia  
é azul de brado e de ironia  
e cresce e diminui, e esquece  
para ser só o que passa a ver passar  
atitude passeante  
que se ri.  
E nessa altura as árvores do jardim  
levantaram braços  
dedos braços mãos da terra em acenos  
fechando círculo o recorte dos astros  
cúpula céu frio em nuvens de meio dia.  
Sabes. Ó como tu sabes o matematicamente sabido,  
sabes o que está certo ou está errado  
e que o rio passa nas valetas do jardim  
com folhas velhas na frente da vassoura  
que o jardineiro empurra.  
Mas, se é mesmo assim,  
se a glória e tudo o resto se casaram  
ali, simplesmente  
sem expulsão do paraíso,  
sem Anjos empunhando espadas  
sem a revoada de asas que todos sentiam...  
E todos os dias no Jardim dos Anjos,  
o monstro mordía.

Mordia a memória que se fazia,  
a história da memória que era tempo,  
mordia em contas de somar  
e diminuir  
um cálculo mesquinho sem sombra de melancolia.  
Porquê? Se o sentimento era vergonha na família?  
Podia lá ser. Ele era o matemático.  
O monstro do olho tal.  
Certo, correcto, erecto,  
nada sentimental.  
Que jardim tão frio e nevoento.  
E os Anjos sempre tristes  
sempre avarentos, na imaginação dos outros.  
Que jardim tão ali só para ele  
a dizer que não a cada coisa  
a lançar um véu de distância  
e sabedoria calada e calculada.  
Que jardim de Anjos embirrentos.  
Pareciam meninos a chorar de madrugada,  
pareciam janelas abertas para dentro  
pareciam  
só eu sabia o que pareciam os arrepios do ar,  
as sombras passeadas em pleno dia,  
as histórias por contar.  
E aquela grande soma de outras épocas  
prédios com janelões  
vidros a mostrar o negro do lá dentro  
e grandes tetos supostos,  
brigas de bruxas escondidas,  
nos buracos nas físgas e nas portas.  
Histórias de mortos. De gentes velhas.  
Meninos que depois foram velhinhos.  
História de histórias,  
ó bafio em olhos de sozinhos,  
ramos de épocas.

E agora a carreta e o caixão a sair pela porta.  
Ó, e o meu monstro a rir-se porque os Anjos não estão  
porque o jardim...  
ai o jardim agora  
ai o jardim então, que raiva, que danação,  
vejam, vejam, os Anjos ao pé cochinho,  
saltam num pé em volta  
batem com a mão na mão  
como quem diz: é bem feita!

24 Março 58